

# A VERDADE

ORGÃO CATHOLICO

Com autorisação do Exmo. Sr. Bispo Diocesano

REDACTORES: P. P. MANFREDO LEITE E FRANCISCO TOPP

VERITAS LIBERABIT VOS (S. João 8, 32.....)

CHARITAS CONGAUDET VERITATI (1. Cor. 13, 6.)

## EXPEDIENTE

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

CAPITAL		EXTERIOR	
Por um anno . . . . .	5\$000	Por um anno . . . . .	5\$500
Por 6 mezes . . . . .	3\$000	Por 6 mezes . . . . .	3\$500

Publicação semanal Pagamento adiantado

Acceptam-se artigos de colaboração, que poderão ser dirigidos ao gerente Jacintho Simas

## CALENDARIO

- 4 de outubro: Domingo—Nossa Senhora do Rosario. S. Francisco de Assis, fundador das tres Ordens Franciscanas, 1226.  
 5 Segunda-feira—S. Plácido e sua irmã Santa Flaviana, martyrs na Sicilia, 542.  
 6 Terça-feira—S. Bruno, fundador da ordem dos Carluxos, 1101. Santa Erothildes, virgem e martyr na Grecia.  
 7 Quarta-feira—S. Marcos, papa, 336. S. Sergio, soldado e martyr na Syria, 280.  
 8 Quinta-feira—Santa Brígida, abbadessa na Suecia, 1373. Santa Pelagia, penitente em Jerusalem, 457.  
 9 Sexta-feira—S. Dionysio, bispo de Paris e martyr, 272. S. Deusdedit, abbadé de Monte Cassino, 834. O patriarca Abraham.  
 10 Sabbado—S. Francisco Borja, duque de Candia e jesuita, 1572. Santa Eulampia, virgem e martyr, na Nicomedia.

## Conferencias Religiosas

A's 6 1/2 horas da tarde, na Igreja Matriz, realisou sua segunda conferencia o rev. padre Manfredo Leite.

Servio-lhe de thema o seguinte: «A suprema preocupação do grande enigma da vida.»

Começou o orador por dizer que, quando o homem se examina e se observa, sente existir dentro em si uma constante e perpetua preocupação que não lhe permite um momento de repouso.

Embora cansado, elle se vê impellido a procurar alguma cousa que o fascina e attrahe, e no momento em que parece apoderar-se da preza, vê fugir-lh'a.

A vida é um movimento, uma marcha accelerada, uma carreira vertiginosa, e para ella o homem leva a suprema preocupação da felicidade. Todos os seculos e todas as gerações têm contemplado esse viajor procurando e pedindo a felicidade. E apesar das fadigas, dos trabalhos, da actividade, da sollicitude e dos empenhos, por toda a terra e atravez dos tempos e do espaço, em todas as civilisações, em todas as zonas, nos fôgos do Equador, nos gelos polares, repercuta um brado de sentida angustia, dizendo que o homem não achou a felicidade.

Entretanto elle desenvolve a sua actividade nessa tremenda busca em todas as epochas da vida—na infancia, na mocidade, na idade madura e na velhice—tão forte é o instincto que temos da felicidade. As experiencias dos outros que nos precederam, as decepções amargas, as

derrotas, nada pôde dissuadir o homem dessa tentativa.

Em torno da felicidade gravitam todas as nossas acções, ardem nossos esforços, consomem-se nossos ardores. Nós a queremos a todo transe.

1º. Pela intelligencia. Ella aspira ao absoluto. O relativo constrange-a, despedaça-a, irrita-a. A sciencia tenta o homem, arrasta-o reclamando seos sacrificios. A sciencia assemelha-se a uma esphinge postada ao longo dos caminhos por onde elle passa. A intelligencia quer gozar mediante a sciencia. Entretanto a vida toda do homem não é senão um clarão que se projecta por sobre a immensidade das sciencias. Aprehendel-as, aprofundal-as—é impossivel. A' medida que nos adiantamos, alarga-se o horizonte, e nós nos enchemos de canção e de dissabôres. Eis porque os sabios têm deixado escapar os maiores lamentos e queixumes. Newton compara-se á uma creança assentada á beira-mar, colhendo algumas conchas polidas, e diz que é nada deante da immensidade da sciencia. Pascal, o philosopho, o mathematico, o pensador, depois de uma vida entregue ás meditações scientificas, sente-se tomado de uma melancholia incuravel, e morre convicto de que é um ignorante. Nos nossos dias, ouvimos as palavras celebres de Fernando Brunetiêrê: «A sciencia falhou.» A intelligencia vê-se constantemente ante a immensidade, ignorando a essencia de tudo, sem jamais poder chegar a saciar-se, e por consequente sem encontrar a felicidade.

2º. Pelo coração.—Elle esvoaça como uma borboleta de mundo em mundo, bebendo em todas as fontes e pedindo a felicidade. Elle quer o gozo, a tranquillidade, a paz, o repouso. Arroja-se a tudo. Fascina-o o prazer, e comtudo o prazer é, no dizer de um brilhante escriptor, a cêsta de flores que a escrava trouxe a Cleópatra. Debaixo daquellas pétalas coloridas e aromaticas esconde-se a aspide, cujo veneno mata a formosa rainha do Oriente. O coração quer amar. Ama e ama com soffreguidão, ardentemente. «Quer uma adoração, diz o sublime Didon, conseguia. Quer duas adorações, quer milhares. E quando as possui, vive ainda irrequieto e cheio de ancias, acabrunhado de enfado e de tormento.»

Por toda a parte encontra decepções. Em si mesmo sente a acção dos dias e dos annos, lucha com a inconstancia e adquire a certeza de que os ardôres da vespera são os gelos de amanhã. Nos sêres e nos obje-

ctos amados e queridos encontra a perfidia, a trahição, a mentira, a mesma inconstancia e o mesmo frio. Quer a gloria. Procura-a. E quando a encontra, julga-a desprezivel, por isso que não corresponde aos seus sacrificios e aos seos trabalhos. E quão fallaz é a gloria humana! Bonaparte, o glorioso, sacrifica seis milhões de francezes. Torquato Tasso morre na vespera do dia em que ia receber a corôa de louros, no Capitolio. O caminho da gloria está juncado de cadaveres. «Ella é, disse Victor Hugo, um espelho expiatorio em que a purpura parece sangue».

E o coração atormenta-se sempre, e vive cortado de aneios, nunca encontrando a felicidade.

3º. Pela imaginação. O homem procura o bello, pensando achar ahí aquillo que tanto deseja. A alma do artista e a alma do poeta formam seos grandes ideaes e suas grandes concepções. Sentem febre, desespero, sêde, angustia para satisfazerem aos seos anêlos. Todavia, sobrevem-lhes sempre a triste decepção de verem que a realidade não corresponde de forma alguma ao seo ideal.

Miguel Angelo doideja ante as suas té-las assombrosas, arremessando para longe de si os seos pinceis, vindo a morrer saturado de tristeza.

Henrique Heine, o poeta dos sarcasmos e das ironias, mas tambem o poeta de extranhas sensibilidades, quer vêr o ideal da belleza humana, nessa obra-prima que se chama a Venus de Milo. E ao vel-a, chora desesperado e convulso, não encontrando ainda o seo ideal. Tambem a imaginação trahe o homem na sua ardente e tenaz pesquisa. A felicidade é sempre esse mysterio insondavel, esse enigma esmagador. E o homem moderno, talvez mais do que seos antepassados, sente em si mais viva a preocupação da felicidade. Elle a procura por todos os meios e sob todas as formas. Tem receio á dôr, buscando afugental-a, para que ella não o atormente em seo caminho. Quer vêr-a desaparecer para inaugurar na terra a felicidade sonhada.

A geração contemporanea quer esquecer-se do soffrimento e da dôr. Quem, pergunta o orador, deixa todos os dias passear o pensamento pelos hospitaes e pelos logares onde a miseria habita?

Entretanto, a dôr nobilita o homem e prepara-o para a felicidade. A geração contemporanea é incapaz de comprehender a loucura sublime de uma Santa Lignina, avergada ao peso de todas as tor-

turas prostrada em um leito de soffrimentos durante trinta e oito annos, e proclamando-se feliz, dizendo-se contente, porque possui Jesus—o Consolador Supremo e a Recompensa Eterna.

Sim, termina o conferencista, a felicidade está no Infinito, está na vida da eternidade. E dirigindo-se á mocidade, que o ouve com um silencio religioso, pede-lhe tome um ideal como aquelle de que falla o poeta Longfellow. Um joven quer ascender ao cume dos Alpes. Ruge porem a tempestade, desencadeia-se o furacão, e as avalanches rolam terriveis e ameaçadoras. Não importa. Elle ha de subir. E para isso escreve em uma bandeira uma palavra mysteriosa—Excelsior—mais alto. Sua mãe, seu pae, seus amigos, sua noiva, tentam embargar-lhe os passos e dissuadilo de seu perigoso intento. Elle aponta para a palavra que brilha na bandeira. E vae.

Mais forte se torna a ventania, mais rimbomba o trovão. Elle segura corajoso a sua bandeira querida e lê a palavra—Excelsior—mais alto.—E caminha sempre.

Excelsior—mais alto—e vai subindo. Afinal, uma avalanche colhe-o em meio da montanha.

No dia seguinte, encontram-n'o morto, mas ainda abraçado á bandeira e parecendo murmurar—Excelsior—sempre mais alto.

Mais alto! deve ser o ideal da mocidade. Mais alto do que as paixões, do que os odios, do que os ideaes terrenos.

Mais alto para o céo, para o Infinito, porque o Infinito é o Christo.

## No Reino do Silencio

III

### A morte do Trapista

Para o mundo a morte é objecto de terror; procura-se por todos os meios affastar o phantasma do pensamento. Oh! como temem a morte os mundanos! Esconderu os feretros debaixo de coroas e flores, como si o morto fosse um triumphador.

Os cemitérios são affastados das povoações, para não serem objecto de tristeza; todos, emfim, procurão subtrahir-se á ideia da morte, que é tão certa, quão incerta é a hora.

Os Trapistas não pensão assim! Consideram-na como coisa grave, mas não como uma desgraça. O Trapista moribundo assemelha-se ao proscripto que torna á sua patria, e o annuncio do proximo desenlace é recebido com alegria e com amor.

Para a commuidade a morte de um religioso é argumento de edificação, fonte de esperança.

Chateaubriand escreveu, no seu *Genio do Christianismo* um capitulo realmente inspirado: *Do grande spectaculo do Trapista moribundo*.

O enfermo, rodeado pelos seus confrades, recebe os Sacramentos da Igreja. Quando começa a agonia, collocam-no sobre um leito de palha e de cinzas em forma de cruz.

Uma derradeira penitencia encerra a sua vida penitente!

Terminadas as preces lithurgicas, vestem-no com o seu habito. Cantão o hymno da libertação do povo hebraico. A terra do Egypto é o mundo, o deserto é a vida religiosa, a patria celeste é a terra da promissão. A fé, como columna luminosa, guiou o defunto na vida monastica, e a Eucharistia substituiu o manná celeste. Cantando este psalmo levão o cadaver para o cemiterio e o mais velho do convento carrega a cruz.

Como os Trapistas fazem votos de pobreza, o cadaver é enterrado sem caixão ou mortalha, e, como dissemos no principio, cavão a pouca distancia uma sepultura.

«Quando, aos ultimos raios de sol que descambão no poente, deparaes com aquelle campo de soldados de Deus, que dormem no pó das catacumbas e consideraes aquellas cruces de uma altura igual, collocadas em fileiras certas e cuja alvura sobresahe no tapete verde da relva; então uma doce melancolia traspasa as fibras do coração e affluem aos olhos as lagrimas de ternura e uma prece espontanea balbucião vossos labios... Aquelles mortos fallão; dos seus sepulcros convidão os vivos á perseverança; pregão o desapego do mundo, a abnegação, a immortalidade».

Por espaço de trinta dias, no logar que o defunto occupava na sala de jantar, é collocada uma cruz, e na mesa a refeição ordinaria, como si elle estivesse presente. Aquella comida é depois distribuida aos pobres que batem á porta do convento. O monge defunto parece estender desta maneira aos infelizes a sua mão bemeifeitora e generosa, e fazer a esmola até mesmo na sua tumba silenciosa.

Um mez inteiro, de 17 de setembro a 17 de outubro, é consagrado em suffragio e commemoração dos defuntos.

(Trad.)

P. S. A.

## Evangelho do decimo oitavo domingo depois de Pentecostes

(Math. 9, 1—8)

Naquelle tempo Jesus subindo para uma barra, passou á outra banda (do logo de Genesareth) e entrou na sua cidade (de Capharnaum). E eis que lhe apresentaram um paralytico prostrado num leito. E vendo Jesus a fé que elles tinham, disse ao paralytico: Filho, tem confiança, perdoados te são os teus peccados. E logo alguns dos escribas disseram comsigo: Este homem blasphema. Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, lhes disse: Porque julgais mal nos vossos corações? Que cousa é mais facil dizer: Perdoados te são teus peccados, ou dizer: Levanta-te e anda? Pois para que saibais que o Filho do homem tem poder sobre a terra de perdoar peccados, disse então ao paralytico: Levanta-te, carrega o teu leito, e vae para tua casa. E elle se levantou e foi para casa. E vendo isso as turbas, temeram e glorificaram a Deus que deu tal poder aos homens.

*Explicação.*—«A fé que elles tinham». S. Matheus resume a narração desta cura

que n'outros evangelhos vem circumstanciada. S. Lucas refere que deram da sua fé uma prova singular e edificante, pois não podendo abrir caminho para levar o enfermo até Jesus, desceram-no pelo tecto da casa. Vê-se aqui de que valor é a fé aos olhos de Jesus, e com que facilidade ella alcança delle os mais brilhantes milagres. O paralytico ainda não abria a boca para pedir ao Salvador a sua cura; os que o põem a seus pés não lhe dirigiram seus rogos, mas aquelle Deus, que sonda os corações, vê no delles o precioso germen da fé, logo ostenta todas as riquezas da sua graça e do seu poder.

«Teus peccados te são perdoados.» Assim Nosso Senhor significa que as enfermidades, não sendo sempre o castigo de culpas commettidas, são em sua generalidade consequencias do peccado, e ensina mais que, para se obter de Deus uma graça, mesmo um beneficio corporal, a primeira disposição precisa, com a fé, é o arrependimento dos peccados, e que a cura da alma deve interessar-nos muito mais que a das enfermidades corporaes.

Mas quantos votos entre os christãos pela saude, pelos favores temporaes! Quão poucos pedem a Deus a graça de uma sincera penitencia! Muita gente recuperaria a saude do corpo, si primeiro tratassem de recuperar a saude da alma, e si antes de buscar os remedios para a doença, detestassem suas faltas e se confessassem.

—«»—

## „A ESTAÇÃO“

Dos srs. A Laviguasse Filho & C, editores-proprietarios d' *A Estação*, recebemos o n. 17, anno XXII, desse interessante jornal de modas parisienses, dedicado ás Senhoras Brasileiras.

Incontestavelmente a *A Estação* é o melhor jornal de modas, pois além de figurinos coloridos e moldes para diversas confeções tem sempre abundante parte litteraria.

De novo o recommendamos ás nossas leitoras esse interessante e util jornal, *brasileiros* que se assigna á rua dos Ourives n. 7, Rio de Janeiro.

*Chic Infantil*. Outro jornal de moda para crianças, de que são editores-proprietarios os mesmos Sr. A. Laviguasse Filho & C. Este jornal acaba de passar por sensiveis reformas, tornando-se assim ainda mais recommendavel ás Ex<sup>tas</sup>. familias.

O n. 4 que temos presente, consta de 8 paginas, além de uma folha de moldes, um molde cortado com explicações, figurinos coloridos e modernissimos.

—«»—

Acha-se nesta capital, em serviço de propaganda da Exposição Universal de S. Luiz, nos Estados Unidos, o sr. capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho.

Ao distincto commissario do nosso governo foi pelo sr. ministro da industria distribuida a zona sul, que comprehende, além d'este Estado, os do Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Matto Grosso.

**REVISTA DA SEMANA**

**RIO.**—No dia 24 do mez passado, foi celebrado, pelo dr. Lauro Müller, ministro das obras publicas, com a firma Walker & Co. de Londres, o contracto para realisação das obras do melhoramento do porto do Rio de Janeiro.

**PARAHYBA, 21.**—São terriveis os effeitos da secca no interior do Estado. Em varias localidades do sertão ha completa falta d'agua e de generos de primeira necessidade, emigrando em massa as populações com fito ao littoral.

**ROMA, 26.**—Monsenhor Guillert partiu para Berlim com a missão de entregar ao imperador Guilherme uma carta autographa de S. S. o Papa Pio X sobre a profecia dos christãos no extremo Oriente.

**SOPHIA, 20.**—A Bulgaria concentrou um exercito de 200.000 homens na fronteira turca.

—«»—

**ACTOS RELIGIOSOS**

**Domingo**—Missas:

As 5 1/2 no hospital;

« 6 e 7 1/2 na matriz;

« 8 em S. Francisco, no Menino Deus, igreja do Rosário e capella do collegio Coração de Jesus.

« 10 na matriz.

As 6 horas da tarde na matriz Terço do rosario, devoção ao Sagrado Coração de Jesus, benção do Ss. Sacramento e conferencia do rev. padre Manfredo Leite.

**Terça-feira**—Missa de S. Antonio ás 8 horas na matriz.

**Quinta-feira**—As 6 horas da tarde na matriz Terço do rosario e 6 1/2 conferencia do rev. padre Manfredo Leite.

**Sexta-feira**—Missa do Senhor dos Passos ás 7 1/2 no Menino Deus.

**Sabbado**—Missa de N. S. das Dôres ás 6 horas na matriz.

**Mez do Rosario**—todos os dias ás 6 horas da tarde na matriz.

**NOSSA ESTANTE**

As redacções d'*A Estrella*, *Guarapuava* e *Der Compass*, do Paraná; *União* e *Boletim do Pão de S. Antonio*, de Porto Alegre; *Mensageiro do Coração de Jesus*, *Santuário da Aparecida* e *A Folha*, de S. Paulo; *A Fé Christã*, de Alagôas; *O Vargem Grandense* e *Correio Catholico*, de Minas Geraes; *O Standard*, do Ceará; *O Mensageiro da Fé*, da Bahia; *Iracema*, do Pará; *O Commercio*, da Laguna; *Cruseiro do Sul*, *Imparcial* e *Região Serrana*, de Lages; *O Arauto*, do Itajahy; *Tubaronense*, do Tubarão; *O Dia*, *Sul-Americano* e *A Fé*, desta capital; agradecemos penhorados a regularidade com que nos têm sido remettidos.

Com todos temos permutado com o maior prazer.

—«»—

**SÃO VICENTE DE PAULO**

*A Bento Cabral*

A alma de Vicente é mais fresca que as fontes  
Que dão agua a quem vae com sede pela estrada,  
Depois de haver corrido a aspreza dos montes,  
Depois de haver vencido uma longa jornada!  
E de seus olhos bons, espirituaes, insontes,  
Corre um vinho melhor que o da uva arrancada  
Aos pampans do sol no azul dos horizontes,  
Quando Cêres se accôrda á luz da madrugada!  
E Vicente percorre os campos e as cidades,  
De coração flammante á todas as bondades,  
Chamando ao seu amor as crianças mendigas...  
E as crianças, Senhor, como gostam de vê-lo!  
Ah! mesmo São Vicente é tão meigo e tão bello!  
E está porque elle tem tantas almas amigas!...

1903.

*Araujo Figueredo*

**As receitas das Alfandegas**

No primeiro semestre do corrente anno foram as seguintes:

Manaos . . . . .	3.977:398\$000
Belem. . . . .	9.210:510\$000
Maranhão . . . . .	7.978:599\$000
Parnalyba . . . . .	321:557\$000
Fortaleza. . . . .	1.723:959\$000
Natal . . . . .	54:163\$000
Parahyba . . . . .	571:787\$000
Recife. . . . .	7.828:817\$000
Maceió . . . . .	773:110\$000
Penedo . . . . .	47:782\$000
Aracajú . . . . .	223:358\$000
Bahia. . . . .	7.254:635\$000
Victoria . . . . .	149:562\$000
Macahé . . . . .	45:022\$000
Rio de Janeiro. . . . .	37.237:757\$000
Santos . . . . .	15.424:574\$000
Paranaguá . . . . .	737:985\$000
Florianopolis . . . . .	610:201\$000
Rio Grande. . . . .	4.885:752\$000
Porto Alegre . . . . .	3.417:164\$000
Uruguayana . . . . .	296:146\$000
Livramento. . . . .	154:145\$000
Corumbá . . . . .	368:338\$000

Em tudo 97.293:321\$000

Em comparação do mesmo tempo do anno passado mais 3.905:040\$000 e do anno de 1901 mais 12.433:958\$000.

—«»—

**JUIZO FEDERAL**

**SENTENÇA CRIMINAL**

Vistos. Na denuncia de fls. 2, por parte da justiça publica, é imputada a Gustavo Becker a autoria do facto de haver, no dia 16 de outubro ultimo, ás 7 horas da manhã, no kilometro 98 da Estrada de Ferro D. Thereza Christina, transitado em um carro, movido a bois, pelo leito da mesma Estrada, dando logar a que o trem que descia da cidade de Tubarão, em direcção á Minas, fosse de encontro áquelle vehiculo, carregado de taboas e dirigido pelo denunciado, causando o desastre,

**FOLHETIM**

(15)

**Os Desposados do Céu**

**VII**

—Loucuras!... Visões!... exclamou Theophilo erguendo-se furioso. Volta a ti, Dorothea, vamos... a hora foge... um instante mais, e será tarde... Olha o supplicio... supplicio horrivel que te está prepara-

—Espero-o; atalhou a donzella, abrindo os labios em doce sorriso.

—Como?! Esperas?!... rugiu Theophilo, fóra de si, desorientado, querendo enfiar as mãos sobre Dorothea para retida d'alli. Então, recusas?... E a minha amada... o amor de teu pae... Então, está o amor acabado? Dorothea, vem; possivel não tenhas amor á vida!...

A santa martyr, com um gesto nobre e firme, olhou-o com tal expressão, que o desarmou completamente. Theophilo, suplantado, pela sua attitude, exclamou exasperado.

—Oh! os deuses abandonaram-me! Mulher, estás louca?... Deliras?!...

Nesse momento ouviram-se os passos dos guardas nos corredores.

—Que?!... São os soldados?!... Ah!... já é tarde!... A hora da liberdade passou... Morre, pérfida... morre, já que assim o queres... Eu te maldigo!...

Foram estas as ultimas palavras de Theophilo, proferidas no auge do desespero, ao sahir arrebatado do carcere, onde se achavam Dorothea e Pámphila.

**VIII**

No dia seguinte dois cortejos se dirigiam quasi ao mesmo tempo, para as portas da cidade.

O primeiro era um rancho de bacchantes e pastores, coroados de hera e pámpa-

nos, que iam, ao som da flauta, dançar em honra ao deus Pan e ás divindades campestres. O segundo, silencioso, caminhava para o sacrificio, conduzindo uma victima, de corda ao pescoço. Esta era Dorothea.

O Prefeito, cansado da constancia da joven, tinha-a condemnado, depois do ultimo interrogatorio, a ser decapitada no terceiro marco milliar, fóra das portas da cidade.

Dorothea caminhava escoltada por muitos guardas, porque se temia alguma violencia, filha do desespero de Theophilo, e, tambem, porque as sympathias populares, pelo pretigio do joven advogado, podiam ser causa de serias perturbações da ordem publica.

Por um milagre—egual aos que se têm lido na historia de alguns martyres—tinham desaparecido as chahas de Dorothea!

(Continúa)

constante do descarrilhamento do breke e do carro de passageiros, que ficaram damnificados, como attesta o exame de fls 12, o que fez demorar a viagem do trem, incidindo, por esta fórma, o denunciado na criminalidade do art. 329 do Código Penal.

Instaurado o summario de culpa, nelle depozeram as testemunhas em numero legal e fôra interrogado o denunciado, que, defendendo-se, allegara:

a) que o facto do encontro do trem da Estrada de Ferro D. Thereza Christina com o seu carro de bois foi todo involuntario, sem que houvesse intenção má de sua parte;

b) que lamenta o infeliz acaso, que originou o acontecimento, sem que se lhe possa attribuir culpa, visto ter transitado pela referida Estrada do mesmo modo que outros o têm feito e fazem, a alguns kilometros acima da estação de Orleans e onde, por falta de caminhos, é habito geral dos que têm necessidade de dirigir-se áquelle lugar, sem que seja vedado o transito pela respectiva administração, segundo prova com o documento de fls 35, que contém um abaixo assignado dos moradores de Orleans;

c) que não existem cercados ou cancelas, que vedem o livre transito;

d) que, por infelicidade, não lhe foi possivel desviar o vehiculo, porque os animaes não lhe obedeceram na occasião.

Na promoção de fls 38 opina o denunciante pela improcedencia do summario de culpa, com os seguintes fundamentos:

que effectivamente deu-se o damno, constatado pelo corpo de delicto de fls 12, mas que, do summario de culpa, verifica-se não ter procedido, o denunciado com dolo, que é um elemento do crime da natureza do de que se trata;

que, não podendo, pois, ser capitulado o crime no art. 329, porém no 151, do Código Penal, que escapa á competencia da justiça federal, em face do art. 20 da lei n. 221 de 20 de novembro de 1894, não tem procedencia o summario de culpa e pede que assim se julgue.

O que tudo aitentamente examinado; e, Considerando que o facto denunciado não constitue o crime previsto no art. 329 do Código Penal, pois que este tem como condição essencial para sua prova a destruição ou damnificação com animo culpado, havendo, consequentemente, da parte do agente intenção voluntaria e manifesta de causar prejuizo a outrem;

Considerando que, não havendo dolo e estando provado o prejuizo ou damno, não tem lugar a acção criminal, mas tão sómente a civil pela culpa, como têm decidido os Tribunaes.

Considerando que o Código italiano, no art. 424, encerra disposição parallela, na sua 1ª parte, a do nosso Código Penal, desde que assim preceitua: «Destruir ou damnificar cousa alheia, de qualquer valor, movei, immovel ou semovente»—e que *Suman*, um dos seus commentadores, diz—que, por esta definição de damno, são necessarios á existencia do crime os seguintes elementos:—que haja um damno, que verse sobre cousas moveis, immo-

veis ou semoventes, que o *facto damnoso seja voluntario*;—*Vieira de Araujo*, O Cod. Penal, Interpretado, vol. 2º;

Considerando, por conseguinte, que a vontade deve ser directa em relação ao facto; que haja, pois, vontade deliberada de damnificar, para verificar-se o crime do art. 329;

Considerando, em face dos principios juridicos, expostos,—que, da prova testemunhal, com a qual coincide a confissão do denunciado, em seu interrogatorio de fls. 52, resulta não ter havido de sua parte intenção dolosa de praticar o crime que lhe é attribuido, definido no art. 329 do Código Penal, comprehendido entre os da competencia da justiça federal, *ex-vi* do art. 20 da precitada lei n. 221 de 1894;

Considerando que aquella prova demonstra a existencia d'um desastre, causado por imprudencia, em Estrada de Ferro, e verificado na damnificação do breke e d'um carro de passageiros, facto delictuoso previsto no art. 151 do Código Penal, da alçada da justiça local; porquanto:

1º. O art. 24 do citado Código torna *tambem* passíveis de pena as omissões contrarias á lei penal, que resultarem de negligencia, imprudencia ou impericia, disposição que está de accôrdo com a do art. 149 do Código Penal da Bavieira;

2º. Dando-se o damno, é este um delicto intencional ou culposo, no primeiro caso, si o agente propositalmente quiz o facto e, no segundo, si foi o resultado de sua ignorancia ou da sua imprudencia, dualidade mais frequente do conceito da culpa—Accôrdo do Conselho do Tribunal Civil e Criminal, do Districto Federal, de 19 de setembro de 1902;

3º. A intenção, como doutrina Carrara, pode ser directa ou indirecta; *directa*, quando o criminoso previu o fim da acção e o quiz; *indirecta*, quando o effeito não foi previsto pelo criminoso, ou elle previu, sem comtudo o querer; quando tinha consciencia, não precisamente do damno a que sua imprudencia deu lugar, mas da possibilidade d'um mal em geral, devendo prever, como possivel, ou mesmo como mais ou menos provavel, o resultado;

Considerando, portanto, que trata-se d'uma omissão involuntaria, porém culpada e passível de pena, nos termos dos arts. 24 e 151 do Cod. Penal, mediante o respectivo processo, no juizo competente:

Julgo improcedente a denuncia e condemno a Fazenda Nacional nas custas.

O Escrivão extraiha com brevidade cópia do presente despacho, dos officios de fls. 10 e fls. 14, do inquerito policial de fls. 17 *usque* 19, fls. 22 a fls. 26 do interrogatorio de fls. 52 e da defeza de fls. 54, afim de ser remetida á autoridade judiciaria da comarca de Tubarão, para os fins de direito. Florianopolis, 29 de Setembro de 1903.

*Candido V. da Silva Freire.*

— « » —

D. LOURA

Agradecemos o exemplar da poesia que sob esse titulo compoz o Sr. Jansem de Capistrano, do Estado do Paraná.

E' esse um trabalho que muito recommenda o seu autor.

Gratos pela gentileza.

## JAGUARUNA

As sollemnes exequias pela alma do Santo Padre Leão XIII foram celebradas na matriz desta Villa no dia 29 de agosto.

Foi celebrante da Missa o rev. padre José Francisco Bertero, coadjutor da parochia de Urussanga, auxiliado pelos rev. padres Ludovico Coccolo, vigario da parochia do Araranguá e João Cononico, cura de Cresciuma. A oração funebre, commemorativa ao saudoso eleito de Christo, foi pregada pelo rev. padre Coccolo com eloquencia, e as orações do rito, durante a missa cantadas pelo rev. padre Pizzio. Celebrada a missa deu-se a cerimonia da absolução cantada por cada um dos rev<sup>mos</sup>. p<sup>es</sup>. Bertero, Coccolo, e Canonico. O altar-mór e o interior da igreja estava coberto de luto. No centro elevava-se o catafalco, illuminado por tochas e vellas, ornado de grinaldas, coroas e flores naturaes, coberto por docel suspenso ao tecto com largas fachas pendidas em seio, que prendião-se por laços atados aos angulos das paredes, vendo-se na parte superior, da apparatusa armação, sobre a urna a estola envolta em crepe e sobrecima o symbolo da tiara e o crucificado. Na linha da grade de côro, em quadro, a dedicatoria tributada á memoria do glorioso Leão XIII, inscripta com letras douradas e prateadas.

Não obstante occorrer tempo variavel e ter chuvido no dia antecedente, a concurrencia foi numerosa. Entre os presentes notei incorporados o superindente, o conselho municipal, autoridades locais e uma linha de meninas vestidas de branco, com fachas de fita pretas.

No domingo, dia 30, effectuou-se o benzimento da nova pia baptismal. Pela manhã ás 10 horas, começou a missa solemne cantada pelo rev. padre Canonico, cura de Cresciuma. Ao evangelho, o rev. vigario parochial, padre Pizzio, pronunciou inspirada predica sobre a festividade do dia e o Sacramento de baptismo. As orações da Igreja, durante a missa, forão cantadas pelo rev. padre Bertero. Depois da missa benzeu-se a pia baptismal, sendo o acto effectuado pelo rev. padre Coccolo, com assistencia do rev. vigario Pizzio e dos padres Cononico e Bertero. De tarde, as 6 horas, cantou-se a ladainha e o tantum ergo com a benção do Santissimo Sacramento. E a todos os actos religiosos notou-se grande concurrencia cheia de respeito e acatamento.

A ladainha cantada pelos rev. padres Bertero, Pizzio, Canonico e Coccolo, foi um tocante acto religioso que a todas impressionou com o mais silencioso recolhimento. Ainda guardo o mais viva e bella impressão do agradável cantico. A Ave Maria cantada em nossa matriz pelos rev. padres Bertero e Pizzio, tenho a lembrança de ter ouvido o mesmo suave cantico na Igreja matriz d'essa cidade. A ladainha, cantada com uma cultura de voz de que reconhecidamente são dotados os italianos, foi a primeira vez que a ouvi tão agradavelmente, cheio de impressões tocantes semelhante cantico.